

**Warning:** getimagesize(images/stories/priore/evangelodelladomenica/volto\_di\_cristo\_cana.jpg): failed to open stream: No such file or directory in /home/monast59/public\_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php on line 1563

**Warning:** getimagesize(images/stories/priore/evangelodelladomenica/volto\_di\_cristo\_cana.jpg): failed to open stream: No such file or directory in /home/monast59/public\_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php on line 1563

# Home

## XXV Domingo do Tempo Comum

**Multithumb found errors on this page:**

**There was a problem loading image**

**'images/stories/priore/evangelodelladomenica/volto\_di\_cristo\_cana.jpg'**

**There was a problem loading image**

**'images/stories/priore/evangelodelladomenica/volto\_di\_cristo\_cana.jpg'**

### GIOTTO, Rosto de Cristo

18 Setembro 2011

*Reflexões sobre as leituras*

de LUCIANO MANICARDI

A murmuração não é uma tomada de posição clara que exprime uma divergência leal, mas um movimento subterrâneo que congrega pessoas que ganham força maldizendo e que se exprimem com acusações e queixas. A sua lógica é a cumplicidade e não a responsabilidade.

---

Domingo 18 Setembro 2011

Ano A

Is 55,6-9; Sal 144; Fil 1,20-27; Mt 20,1-16

A declaração divina transmitida pelo Profeta “*Os meus planos não são os vossos planos, os vossos caminhos não são os meus caminhos*” (Is 55,8) encontra expressão na parábola evangélica segundo a qual os trabalhadores que trabalharam apenas uma hora na vinha receberam o mesmo salário daqueles que trabalharam todo o dia. No ar escandalizado dos que trabalharam desde as primeiras horas do dia está patente a *distância entre o pensar e o agir de Deus e o pensar e o agir dos homens*.

Esta distância não corresponde nem a um capricho de Deus nem ao seu livre arbítrio, mas à sua misericórdia. O que os trabalhadores que começaram de manhã contestam junto do proprietário é o facto de terem recebido a mesma recompensa daqueles que começaram ao fim do dia. Dizem literalmente: “*Estes últimos só trabalharam uma hora e deste-lhes a mesma paga que a nós que suportámos o cansaço do dia e o seu calor*” (Mt 20,12). Fazer aos últimos o mesmo do que aos primeiros anula as discriminações e os privilégios. O Deus bíblico é, de facto, o Deus da Graça. Há

um trecho da *Catequese sobre a Santa Páscoa* do Pseudo-João Crisóstomo que exprime bem o primado da misericórdia e da graça sobre a lógica jurídica: *"quem trabalhou desde a primeira hora, receba o salário justo; quem chegou depois da hora terça dê graças e faça festa; quem chegou depois da hora sexta não hesite: não sofrerá qualquer dano; quem apenas chegou à hora nona, venha sem hesitar; quem chegou à décima primeira hora, não tema pelo seu atraso. O Senhor é generoso, acolhe o último como ao primeiro, concede o repouso a quem chegou por último como a quem trabalhou desde manhã. É misericordioso tanto para com o último como para com o primeiro"*.

O texto interpela-nos sobre aquilo que está no coração da nossa vida com Deus: a relação ou a prestação? Conceber o serviço a Deus como uma prestação leva-nos a medi-lo e a compará-lo com o serviço dos outros entrando em competição. Se, pelo contrário, existe uma relação com o Senhor, então também o peso do dia de trabalho é *"jugo suave e fardo leve"* (cf. Mt 11,30) e a bondade do Senhor para com todos é motivo de agradecimento, não de contestação.

A distância entre os pensamentos de Deus e os dos homens é importante de preservar porque impede a operação perversa de *identificar os pensamentos humanos com os de Deus*. Esta afirmação contraria a a presunção religiosa que projecta em Deus as suas acções e pensamentos e identifica as suas palavras sobre Deus com Deus e mesmo a sua vontade com a de Deus. O exemplo dado pelo profeta é um convite à humildade do pensamento, em particular do pensamento teológico, do pensamento que ousa *"pensar Deus"*.

Os trabalhadores que chegaram de manhã são desmascarados como invejosos. E a inveja é defenida como ter *"mau olhar"* (Mt 20,15). A etimologia da palavra esclarece-nos: *in-videre*, significa "não ver", "ver contra", e exprime o olhar cruel de quem se pergunta: *"porquê para ele sim e para mim não?"*; *"porquê para mim, que merecia mais, o mesmo que para ele?"*. A inveja cega-nos. Se a inveja é a intolerância para com os limites que nos impedem de alcançar aquele *status* que vemos realizado nos outros, por nós próprios, então deve ser corrigida aprendendo a desejar o possível.

Na inveja não só não se vê o Deus misericordioso como não se vêem também os irmãos: entra-se numa relação jurídica proprietário - servo, e sai-se da *solidariedade* para com os outros trabalhadores, para com os outros homens.

O mal da vida comunitária e eclesial é a *mormuração* (cf. Mt 20,11). Mormurando, os trabalhadores que chegaram cedo afirmam que o proprietário não tinha o direito de comportar-se da forma como se comportou. A mormuração não é uma tomada de posição clara que exprime uma divergência leal, mas um movimento subterrâneo que congrega pessoas que ganham força maldizendo e que se exprimem com acusações e queixas. A sua lógica é a cumplicidade e não a responsabilidade.

LUCIANO MANICARDI

Comunidade de Bose

Eucaristia e Parola

Textos para as celebrações eucarísticas - Ano A

© 2010 Vita e Pensiero